



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

AUTISMO NA ESCOLA: UM OLHAR SOBRE A REALIDADE

Érica Michele dos Santos Mateus
Universidade Estadual da Paraíba- UEPB
erimichele@gmail.com

Janicléia Faustino da Silva
Universidade Estadual da Paraíba- UEPB
jane27cleia@hotmail.com

Livânia Beltrão Tavares
Universidade Estadual da Paraíba- UEPB
li.vania@hotmail.com

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista é definido pela presença de “Déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos, atualmente ou por história prévia”, de acordo com o DSM-V. O presente artigo trata da temática do Transtorno do Espectro Autista na realidade da escola regular. O objetivo foi analisar a realidade escolar de uma criança autista, em uma escola pública do Município de Pocinhos-PB, em uma turma do Pré-II, composta de 21 crianças na faixa etária de 5 anos, dentre os quais há uma criança autista. Trata-se de um estudo descritivo, de abordagem qualitativa, utilizamos como instrumentos de coleta de dados observações e entrevistas realizadas com a professora em sala de aula. Para fundamentar nossa pesquisa buscamos os pressupostos teóricos de Schwartzman (2010); Coscia (2010); Coll (1995), Junior Paiva (2013). Os resultados apontam que não foram observadas metodologias de ensino que atendam às reais necessidades da criança com Transtorno do Espectro Autista, algumas atividades não contribuíam para o desenvolvimento cognitivo da criança, a escola observada não oferecia estrutura nem recursos para que o professor pudesse trabalhar, as dificuldades são muito grandes, segundo foi relatado pela a professora. Concluímos que esta escola pública não tem condições de oferecer uma educação adequada e de qualidade à criança, diante das extremas dificuldades que a mesma apresenta, ela inclui a criança no ambiente escolar, no entanto exclui na sala de aula, onde a criança não tem nenhuma perspectiva de desenvolvimento no processo de ensino e aprendizagem.

Palavras-chaves: Transtorno do Espectro Autista; Inclusão; Ensino e aprendizagem.

Introdução

Sabemos que atualmente vivemos em uma sociedade onde existem padrões pré-estabelecidos, ou seja, se você estiver fora deles, é automaticamente excluído de tal grupo ou algum modelo de padrão da nossa sociedade. Diante de tais aspectos, mostraremos neste trabalho a importância de se estudar o autismo e especificamente crianças que possuem tal dificuldade, onde na primeira parte iremos abordar um breve histórico sobre o autismo no Brasil, mostrando a relevância do tema e suas consequências para a sociedade brasileira, logo após falaremos sobre a nossa experiência prática de pesquisa sobre o tema, relatando a entrevista realizada com a professora como também a análise dos resultados da mesma e consequentemente as nossas considerações finais. Tendo em vista que é de extrema importância o conhecimento sobre tal temática, pois nós educadores iremos nos deparar na prática com crianças que apresentam esta dificuldade, mas que através de nossos conhecimentos possamos quebrar tal paradigma destes padrões estabelecidos pela sociedade e tentar se trabalhar de forma positiva com essas crianças, fazendo com que as mesmas tenham a oportunidade de obter sucesso em sua carreira escolar no que diz respeito ao ensino-aprendizagem das mesmas.

Autismo um breve histórico

Os estudos científicos sobre o autismo começaram com um extenso informe publicado em, 1943, por um psiquiatra austríaco residente nos Estados Unidos, o doutor Leo Kanner. Em seu artigo “Alterações autistas do contato afetivo”, Kanner descrevia com precisão casos de 11 crianças que apresentava deficiência no que se refere à interação social, comunicação, comportamento, competências de imaginação e compreensão social. De acordo com Kanner essas características são únicas, e não

pertence a grupos de criança com deficiência mental. Em busca das causas para explica essas características, em alguns momentos Kanner chegou a pensa que a causa seria alguma interferência do meio em que a criança viver, o autismo seria um transtorno emocional, e os pais da criança com autismo seria os culpados por não oferecer o afeto necessário na criação dos seus filhos, provocando graves alterações no desenvolvimento da criança. Mais longo percebeu isso não tem nenhuma comprovação empírica. Esse transtorno era tão precoce, que não havia condição nem tempo para interferência do meio (SCHWARTZMAN, 2010).

Com o tempo surgir várias pesquisas semelhantes à de Kanner, um médico Hans Asperger também austríaco escreveu outro artigo “Psicopatologia Austística da infância”, as crianças aram semelhantes às estudadas por Kanner, mas de acordo com Asperger as descritas em seu artigo eram mais inteligentes e sem atraso significativo no desenvolvimento da linguagem. Na síndrome de Asperger as características se diferenciam um pouco das do autismo, a memória e privilegiada e os aspectos as crianças apresentam coeficiente acima do normal (SCHWARTZMAN, 2010).

As pesquisas ampliam-se cada vez mais e o autismo passa a ser estudado e compreendido como um transtorno global do desenvolvimento (TGD) não é mais apontado como uma psicose infantil. E recentemente passou a ser Transtorno do Espectro Autismo (TEA) essa nomenclatura englobar todas as síndromes anteriormente citadas. Portanto é importante destacar que o autismo é definido de acordo com ASA, (1978).

O autismo é um transtorno definido por alterações presentes antes dos três anos de idade e que se caracteriza por alterações qualitativas na comunicação, na interação social e no uso da imaginação.

(ASA- Associação Americana de autismo).

Todas as características e os sintomas que predominam no autismo, alguns são comuns, outros se diferenciam de acordo com o grau de intensidade do transtorno. O

grau de comprometimento é variável vai desde quadro mais leves até ao mais severo. Nos casos mais leves do autismo a criança desenvolver habilidades geniais, porém precisam ser acompanhadas por uma equipe para que a mesma possa desenvolver o máximo seu potencial. Nos casos mais severos as crianças apresenta um comprometimento da linguagem, não estabelecer nem um contato social, se isola, resiste ao contato físico, qualquer mudança na sua rotina ela fica perturbada, realizando movimentos repetitivos ficam agressivas, se auto machuca. As manifestações mais graves do autismo exigir tantos cuidados, pois a criança necessita de assistência integral dos pais, os mesmo precisa receber orientação especializada para aprender, cuida dos seus filhos adequadamente.

[...]os sintomas de autismo não se manifestam por igual, nem têm o mesmo significado em diferentes fases da vida das pessoas autistas. Ao considerar um distúrbio profundo do desenvolvimento, que, além disso, tem um caráter crônico, é necessário recorrer a uma descrição cuidadosa desse desenvolvimento. Naturalmente, existem importantes diferenças relacionadas ao QI, ao nível linguístico e simbólico, ao temperamento, à gravidade dos sintomas – entre uns autistas e outros, no que diz respeito às características da síndrome e às peculiaridades do desenvolvimento[...]

(COLL et al, 1995, p. 278).

Como podemos observa os sintomas do autismo se apresenta de diversas formas, isso exigir um diagnostico minucioso detalhado e preciso. Para diagnostica uma criança com autismo é necessário, um trabalho em conjunto com os pais, pois a criança precisa passa por uma serie de exames.

No Brasil o índice de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) cresce gradativamente, estima-se que haja dois milhões de pessoas com TEA, cerca de 1,0% da população, as pesquisas também apontam que esses transtornos

são mais presentes em meninos, do que em meninas. No Brasil as pesquisas em relação ao autismo deixa muito a desejar não se encontra quase nada (JUNIOR PAIVA, 2013).

Mais é de suma importância destacamos que no Brasil surgiram varias associações e instituições para dá apoio, suporte leva mais informação as famílias, que tem algum membro com autismo o trabalho oferecido por essas associações é de extrema importância no acolhimento e atendimento. O exemplo da AMA, a qual tem a missão primordial:

Proporcionar á pessoa com autismo uma vida digna: trabalho, saúde, lazer e interação á sociedade. Oferecer a família da pessoa com autismo instrumentos para convivência no lar e em sociedade. Promover e incentivar pesquisas sobre o autismo, difundido o conhecimento acumulado.

(AMA- Associação de Amigos do Autismo).

Entrevista e Análise dos Resultados

Para obtermos os resultados deste artigo, foi utilizada uma metodologia baseada numa pesquisa qualitativa. A mesma costuma ser direcionada e com foco de interesse amplo, partindo de uma perspectiva diferente da pesquisa quantitativa, que depende fortemente de análise estatística para suas inferências ou de métodos quantitativos para a coleta de dados. Este tipo de pesquisa é aplicado principalmente quando se requer uma abordagem mais flexível para a solução de problemas relacionados à pesquisa. As principais características dos métodos qualitativos são: a inclusão do pesquisador no contexto e a perspectiva interpretativa de condução da pesquisa; neste método, o pesquisador é um interpretador da realidade colhida por meio dos estudos das ações exercidas na sociedade por parte de um indivíduo ou de um grupo. Assim sendo, esse tipo de pesquisa visa descrever e decodificar os componentes de um estudo complexo, de natureza social, não ligado à quantificação. Normalmente, são usados quando o entendimento do contexto social e cultural é um elemento importante para a pesquisa,

na qual se buscará explicações e descrições sobre o assunto e a população envolvida nos estudos.

Em caráter principal, esta pesquisa destinou-se à uma investigação por meio de questões que abordam o desenvolvimento e as principais características de uma criança com autismo. Na entrevista semi-estruturada e conversas informais, realizada com uma professora da rede pública da cidade de Pocinhos-PB, que posteriormente foram transcritas, trata-se de uma turma de Pré II, com 21 crianças na faixa etária de cinco anos, e nessa turma tem uma criança autista.

De início questionamos qual era a maior dificuldade que a professora sente em trabalhar com a criança autista, onde a mesma nos relatou que sente muita dificuldade, pois ele é muito dependente dela e um dos fatos que dificulta ainda mais é que esta não tem uma auxiliar e assim complica muito o desenvolvimento das atividades em sala de aula.

Dáí a dificuldade que a criança autista e a professora enfrentam todos os dias, tendo em vista que a escola não oferece boas condições para se trabalhar de forma diferenciada com a mesma, ou seja, a escola tem que oferecer suporte e também um projeto de inclusão e isso praticamente não existem.

A inclusão de alunos com necessidades especiais, em classes comuns, exige que a escola regular se organize de forma a oferecer possibilidades objetivas de aprendizagens, a todos os alunos, especialmente àqueles portadores de deficiência.

(Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação básica)

No momento em que chegamos à escola para conversar com a professora, a criança autista chegou à sala de aula e foi direto pegar o jogo de encaixe, que pelo que percebemos é o momento em que mais fica concentrado, o mesmo não sentou na cadeira e posteriormente ficou chamando a atenção da professora sem sossegar até que a mesma desse atenção pra ele, percebemos também que ele apresenta dificuldades na



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

comunicação fala poucas palavras como “aga” para pedir água e “xi” para pedir para ir ao banheiro.

Quando questionamos sobre as atividades desenvolvidas com o autista em sala de aula, ela relatou que realiza as mesmas atividades que planeja para os outros alunos, pois ela diz que sabemos que devemos incluir o autista, mas por conta de suas limitações, a criança só consegue realizar tais atividades com a ajuda dela.

Assim, é fundamental a ajuda de um professor auxiliar ou o número reduzido de alunos por sala, para que o educador possa realizar o trabalho individualizado com este aluno e estimulá-lo a avançar no processo de ensino.

(COSCIA, 2010)

Quanto ao relacionamento do aluno com a professora e demais colegas, a mesma relatou da seguinte forma: O relacionamento tanto com a turma, quanto comigo, é amigável e a turma o respeita e nunca discriminam sua participação, quando aleatoriamente ele participa em conjunto com todos os alunos de alguns momentos de lazer e interação, como também algumas atividades.

A relação professor-aluno influencia a auto-imagem desse aluno e como o grupo o vê, com benefícios para todos que obtêm sucesso no processo educacional. Os alunos aprendem a conviver com a diferença e se tornam cidadãos solidários e responsáveis pelos outros.

(COSCIA, 2010)

Às vezes chega agitado e só se acalma no momento em que pega o joguinho de encaixe que fica exposto na estante da sala, que é o brinquedo que ele mais se identifica, o mesmo não senta na sua mesinha para executar nenhuma atividade a não ser na hora do lanche, não faz nenhuma atividade sozinho, não interage com as crianças, apresentando características próprias do autista, que é viver em seu próprio mundo, às vezes, não responde aos estímulos externos. Na hora do intervalo ele sempre fica sozinho ou de mãos dadas com a diretora.

Diante de tais fatos apresentados sobre a criança autista citada, percebemos o quanto ainda há dificuldade em as escolas receberem tais crianças com essas limitações, tendo em vista muitas vezes o despreparo dos professores, como também a falta de estrutura que possui a escola em oferecer a essas crianças formas em que as mesmas se sintam realmente “incluídas” de forma correta. Os professores são os que mais sofrem por não terem um tempo longo para se dedicar a essas crianças, pois o restante da turma necessita de sua atenção como é regulamente. Cada vez mais as escolas, os responsáveis pela educação precisam reunir formas de se trabalhar de forma correta com a questão da inclusão dentro da sala de aula, proporcionando estratégias para que a inclusão seja encarada de forma positiva por parte da maioria das escolas brasileiras.

CONCLUSÃO

As crianças com autismo apresentam dificuldade na interação social e na comunicação. Assim, a escola deve ser o melhor local para promover a inclusão social e educacional. A educação inclusiva não significa simplesmente colocar os alunos com necessidades especiais dentro da sala de aula da escola regular, mas dar condições e recursos para que esses alunos aprendam e enfrentem os desafios, ou seja, uma escola inclusiva precisa elaborar uma adaptação do currículo e investir seriamente na formação específica dos docentes.

Contudo, o Autismo é um tema ainda a ser muito trabalhado em nossa sociedade, pois são pessoas que possuem algumas dificuldades em se trabalhar e desenvolver, apresentando inúmeras desordens em seus comportamentos, e para isso, é necessário o desenvolvimento de estratégias eficazes a fim de alcançá-los em suas limitações. Por outro lado, os autistas também apresentam inúmeras habilidades que devem ser também estimuladas e trabalhadas por meio de estratégias, para que tenham a chance de obter seu espaço dentro da comunidade.



Concluimos este trabalho com a esperança de ver futuros estudos acerca do autismo e professores executando trabalhos efetivos nas escolas esses precisam ser amparados por cursos sejam de fato profissionais experientes e capacitados, para que o processo de ensino e aprendizagem seja construído significativamente para as crianças trazendo sentido e nova realidade à vida dos autistas ou de qualquer outra criança que apresente alguma deficiência. Sabemos que a falta de estrutura educacional e uma realidade dura em nosso país que vai além da capacitação dos professores, a qual é de suma importância para exercer um trabalho pedagógico com crianças especiais, para que isso ocorra é necessário que o nosso sistema ofereça, disponibilize condições de trabalho condizentes com a real necessidade de cada contexto social.

Referências

Associação de Amigos do Autismo. A missão da AMA: 2011. <http://www.ama.org.br/site/pt/missao.html> Acesso em 14 de julho às 21h07min.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica/Secretaria de educação Especial- MEC; SEESP, 2001.

COSCIA. Marcella Rodrigues. **As intervenções do professor na aprendizagem de crianças com autismo no Ensino Fundamental I**. São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.crda.com.br/tccdoc/47.pdf>> Acesso em 10/07/2015.

Definição da Autism Society of American ASA- Associação Americana de Autismo. Educação Especial. Rio de Janeiro 2010.

<http://educacaoespecialrj.blogspot.com.br/2010/02/autismo-definicao-e-sintomas.html> Acessado em 08 de julho de 2015 às 20h35min.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

COLL, C; PALACIOS, J; MARCHESI, A. **Desenvolvimento Psicológico e educação- Necessidades Educativas especiais e aprendizagem escolar.** Porto Alegre: Artmed, 1995.

SCHWARTZMAN José Salomão. **Autismo e outros transtornos do espectro autista.** São Paulo. 2010 <http://www.revistaautismo.com.br/edic-o-0/autismo-e-outros-transtornos-do-espectro-autista>. Acessado 08 de julho de 2015, às 11h50min.

PAIVA JUNIOR. Há 1Autista em cada 50 crianças nos EUA, segundo governo. São Paulo. 2013 <http://www.revistaautismo.com.br/noticias/ha-1-autista-em-cada-50-criancas-nos-eua> Acesso em: 14 de julho de 2015, às 21h26min.